**SINCRETISMO RELIGIOSO NAS CRENÇAS AFRO-AMERÍNDIAS E AFRO-BRASILEIRAS: uma análise das práticas e resistências culturais**

***Edna Eustaquio de Oliveira Bandeira[[1]](#footnote-1)***

***Carlos André Macedo Cavalcanti[[2]](#footnote-2)***

***Rozil da Silva Gomes****[[3]](#footnote-3)*

***Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita[[4]](#footnote-4)***

**Grupo de Trabalho (GT):** 11 - Ensino Religioso, Cuidado Espiritual e Saúde: (re)descobrindo confluências

**Resumo**

O Brasil, com sua rica diversidade cultural e religiosa, resultante da colonização e migração forçada de africanos e indígenas, apresenta o sincretismo religioso como uma característica marcante das práticas afro-brasileiras e afro-ameríndias. Este artigo explora como o sincretismo atuou como mecanismo de resistência cultural que se manifesta nas práticas religiosas contemporâneas. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, centrada na análise documental e revisão bibliográfica de obras clássicas, a exemplo de autores como Beatriz Dantas (1988), Pierre Verger (1999), Reginaldo Prandi (1991; 2203; 2004), Eliane Farias; Lusival Barcellos (2015), entre outras, oferecendo uma compreensão aprofundada das raízes africanas e da religiosidade presente no Brasil. A análise qualitativa, focada na interpretação dos fenômenos, permitiu conclusões que refletem a complexidade e a diversidade das práticas religiosas afro-brasileiras e afro-ameríndias.

**Palavras-chave:** práticas religiosas**,** sincretismo religioso, afro-ameríndias, afro-brasileiras, resistência cultural

**1. Introdução**

O Brasil é um país marcado por uma profunda diversidade cultural e religiosa, fruto de sua história de colonização de povos africanos e indígenas. Dentro desse contexto, o sincretismo religioso emergiu como uma característica distintiva das práticas religiosas afro-brasileiras e afro-ameríndia. A diversidade cultural e religiosa que caracteriza o Brasil é fruto de um complexo processo histórico marcado pela colonização europeia, pela vinda de povos escravizados e pela exploração dos povos originários. Sobre ao tema, Silva (2011, p.95)

Quando da sua chegada, o escravo africano logo começa a sofrer o etnocídio, sendo obrigado a ser batizado na Igreja Católica, e receber um nome de santo católico,  geralmente. Graças à sua coragem audaz e sua sapiência, o escravo conseguiu congregar o seu culto tradicional às práticas cristãs, culminando no sincretismo religioso, donde cada orixá era associado a um santo católico, ás vezes até pela cor das indumentárias do santo serem iguais as de alguns orixás[...].

Nesse contexto, o sincretismo religioso emergiu como um fenômeno notável, especialmente nas religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias, onde tradições distintas se fundem, criando práticas espirituais singulares e profundamente enraizadas na resistência cultural. Este artigo tem como objetivo explorar o sincretismo religioso fortemente imputado  em suas práticas como uma forma de resistência.

O estudo adota uma abordagem bibliográfica, caracterizando-se pela sua natureza qualitativa, centrada na análise documental e revisão de obras clássicas e contemporâneas sobre o sincretismo religioso nas crenças afro-brasileiras e afro-ameríndias. Foram selecionadas obras fundamentais, como "Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo" de Pierre Verger (1999), que oferece uma análise aprofundada das raízes africanas nas religiões afro-brasileiras, “A Herança Africanas no Brasil” de Beatriz Góis Dantas (1988), o qual discute a interação entre a religiões africanas e indígenas no Brasil, "Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova" de Reginaldo Prandi (1991), que examina como essa religião sintetiza elementos africanos, ameríndios e católicos, entre outros que no decorrer da leitura do artigo apresentar-se-á. Além disso, foram revisados artigos acadêmicos disponíveis em bases de dados como SciELO e Google Scholar. Nesse contexto, a ênfase recai sobre o processo de interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, aspectos centrais em pesquisas qualitativas. Essa abordagem permitiu uma análise mais profunda e subjetiva, possibilitando a apresentação de conclusões que refletem a complexidade e a abertura inerentes aos fenômenos estudados.

**2. Fundamentação Teórica**

2.1 Sincretismo Religioso

O conceito de sincretismo religioso refere-se à fusão de diferentes tradições religiosas em uma nova forma de prática espiritual. No contexto brasileiro, essa fusão ocorreu principalmente entre as religiões africanas, indígenas e o catolicismo europeu, resultando em práticas como o Candomblé e a Umbanda.

Pierre Verger (1999), em sua obra "Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo", enfatiza que o sincretismo religioso no Brasil foi uma resposta direta à opressão colonial, onde os africanos escravizados encontraram maneiras de preservar suas tradições espirituais, mesmo sob a vigilância e repressão dos colonizadores europeus. Segundo Verger (1999, p.121), "a identificação dos orixás africanos com os santos católicos foi uma estratégia inteligente dos africanos para garantir a continuidade de suas práticas religiosas". Essas práticas não apenas facilitaram a sobrevivência das tradições africanas, mas também resultaram em uma diversidade de manifestações religiosas, onde podemos observar ritos, vocabulários, vestimentas, sons e danças diversas que caracterizam os diferentes cultos e os seus adeptos.

De acordo com Beatriz Góis Dantas (1988), o sincretismo religioso no Brasil também envolveu a interação com as crenças indígenas, que contribuíram para o desenvolvimento de uma espiritualidade híbrida e adaptativa. Em sua análise, Dantas (1988, p.45) observa que "a interação entre as religiões africanas e indígenas foi um processo dinâmico, no qual ambas as tradições influenciaram e foram influenciadas, resultando em práticas que são simultaneamente novas e profundamente enraizadas em antigas tradições".

Reginaldo Prandi (1991), ao discutir o sincretismo na Umbanda, destaca como essa religião sintetiza elementos do espiritismo kardecista, catolicismo, e tradições afro-brasileiras e indígenas.

O mesmo autor na obra “As religiões afro-brasileiras e seus seguidores” argumenta que,

[...] a Umbanda é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás vertente negra e símbolos, e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço (Prandi, 2003, p.20)

Desse modo, representa uma forma de sincretismo religioso que reflete a complexidade da formação cultural brasileira, onde diferentes tradições se encontram e se transformam para criar algo novo e distintivo.

O sincretismo religioso no Brasil, portanto, não é apenas uma fusão de elementos religiosos, mas também uma expressão de resistência e adaptação cultural em um contexto de dominação colonial. Ele representa a capacidade das comunidades marginalizadas de preservar e transformar suas tradições espirituais, mesmo sob condições adversas.

2.2 Religiões Afro-Brasileiras e Afro-Ameríndias

As religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, têm suas raízes nas tradições religiosas africanas pelos povos escravizados, principalmente da região da Áfricas Ocidental. Ao serem forçadamente transportados para o Brasil, esses povos trouxeram consigo suas práticas espirituais, mitos e rituais, que serviram como um meio de manter a coesão social e a identidade cultural em meio à brutalidade da escravidão. Desse modo, ao chegarem ao Brasil, essas crenças passaram por um processo de sincretismo, integrando elementos das religiões indígenas e do catolicismo imposto pelos colonizadores.

Como bem discorre Silva (2011, p.106),

Não existe um Candomblé puro, uma cópia autêntica do culto milenar aos orixás, voduns e inkisses na África. O Candomblé é uma representação de uma religiosidade africana, de matriz africana. Podemos dizer que é uma religião afro-brasileira por tratar-se de um culto a ancestrais africanos, mas, organizado, hibridizado e ressignificado no Brasil, nas senzalas, quilombos e posteriormente, nos terreiros, casas de Candomblé.

Desse modo, num processo de resistência e preservação de suas crenças os povos africanos escravizados e povos indígenas brasileiros buscam preservar seus ritos, cantos, danças e crenças religiosas.

Pierre Verger (1999, p.98) afirma que, "o Candomblé, em particular, preservou de forma notável as tradições religiosas dos iorubás, evidenciando a força e a resiliência dessas práticas frente à opressão". No entanto, essas religiões não permanecem estáticas; ao chegarem ao Brasil, passaram por um processo de sincretismo, no qual integraram elementos das religiões indígenas e do catolicismo imposto pelos colonizadores. Verger (1999, p.105) sublinha que "o sincretismo foi tanto uma estratégia de sobrevivência quanto uma forma de expressão cultural, onde os praticantes de religiões africanas encontraram formas de continuar suas tradições sob o disfarce das práticas católicas".

Beatriz Góis Dantas (1988) amplia essa análise ao discutir a interação entre as religiões africanas e indígenas no Brasil. A autora sugere que o diálogo entre as crenças africanas e indígenas resultou em um rico patrimônio espiritual que é ao mesmo tempo diversificado e unificado em sua resistência à assimilação cultural forçada.

Dantas (1988, p.72), argumenta que "as tradições indígenas no Brasil contribuíram significativamente para a formação das religiões afro-brasileiras, especialmente no que diz respeito à cosmologia e à relação com a natureza", destaca um aspecto crucial da construção do sincretismo religioso no Brasil. As religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, são resultado de um processo histórico de interação cultural e religiosa entre os povos africanos, indígenas e os colonizadores europeus.

As tradições indígenas influenciaram profundamente essas religiões, principalmente em termos de cosmologia—o entendimento do universo e da natureza. A visão indígena, que percebe a natureza como um ente sagrado e interconectado, foi integrada às religiões afro-brasileiras, reforçando a veneração dos elementos naturais, como florestas, rios, montanhas, e seres espirituais que habitam esses ambientes. Além disso, a relação de respeito e equilíbrio com a natureza, fundamental nas cosmologias indígenas, foi incorporada nas práticas e rituais afro-brasileiros, evidenciando uma forte conexão entre o sagrado e o meio ambiente.

 Reginaldo Prandi (1991) examina a Umbanda como um exemplo de como essas influências múltiplas convergiram para formar uma nova tradição religiosa no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, destaca que a Umbanda, ao integrar esses diversos elementos, cria uma prática religiosa acessível a um amplo espectro da população brasileira, incluindo aqueles que podem não se identificar plenamente com nenhuma das tradições que a compõem. Prandi (2003, p.20) observa que “a Umbanda é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço”.

Assim, as religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias representam não apenas a sobrevivência das tradições africanas no Novo Mundo, mas também a sua transformação criativa em resposta às novas realidades culturais e sociais. Elas são, ao mesmo tempo, uma preservação e inovação, refletindo a capacidade de adaptação e resistência das culturas africanas e indígenas frente à opressão colonial e à imposição de uma religião dominante.

2.3 Resistência Cultural

A resistência cultural se manifesta na preservação das tradições religiosas afro-brasileiras e afro-ameríndias em face da opressão colonial e racismo. O sincretismo religioso, nesse sentido, pode ser visto como uma estratégia de resistência, permitindo que essas religiões sobrevivessem e prosperassem apesar da perseguição. Assim, a resistência cultural, especialmente no contexto dessas religiões, exemplifica a capacidade dessas comunidades de preservar suas tradições espirituais diante da opressão colonial e do racismo sistêmico. Essas religiões, frequentemente alvos de perseguição e tentativas de erradicação, não apenas sobreviveram, mas também prosperaram através de mecanismos de adaptação e sincretismo.

Eliane Farias; Lusival Barcellos (2015), em sua obra "Memória Tabajara: Narrativas e Resistências", argumenta que a preservação da memória coletiva é um ato fundamental de resistência cultural que materializa-se na capacidade de uma comunidade manter viva sua memória e suas tradições, mesmo quando confrontada com forças externas que buscam apagá-las. Enfatizam que, assim como os Tabajara mantiveram suas narrativas orais como um baluarte contra a colonização, as religiões afro-brasileiras utilizaram o sincretismo como uma estratégia de sobrevivência e continuidade. Farias; Barcellos (2015, p.58-59) afirmam que “ a memória é a garantia da identidade, reunindo tudo o que fomos e fizemos e tudo que somos e fazemos[...] individual ou coletiva, trabalha com os fatos vividos[...] para fortalecer o processo de autoafirmação pelo qual a etnia vive[...]”.

Pierre Verger (1999) também reconhece o papel do sincretismo religioso como uma estratégia vital para a preservação das tradições africanas no Brasil. O autor, observa  que "o sincretismo permitiu aos praticantes de religiões afro-brasileiras associar seus orixás aos santos católicos, criando um espaço simbólico onde suas práticas espirituais poderiam prosperar sob a aparência da ortodoxia católica", Verger (1999, p. 114). Esse disfarce religioso foi crucial para a sobrevivência dessas tradições em um ambiente de repressão.

Complementando essa visão, Farias; Barcellos (2015) sugere que a resistência cultural vai além da simples preservação; trata-se de um processo dinâmico de reafirmação e adaptação. Arguem que a memória, ao resistir às narrativas dominantes, não apenas preserva a identidade cultural, mas também a renova, adaptando-a às novas realidades sociais e políticas, através dela os anciãos, como afirmam Farias; Barcellos (2015, p. 57) “‘guardiões da memória’, os portadores de todos os conhecimentos e saberes da sociedade. [...] afirmam uma identidade e organizam uma política própria através dos laços de ancestralidade que os anciãos guardam na memória.” Esse conceito é particularmente relevante para entender como as religiões afro-brasileiras se adaptaram e evoluíram ao longo do tempo, sem perder sua essência.

Beatriz Góis Dantas (1988) também destaca a importância das religiões afro-brasileiras como espaços de resistência cultural, onde as tradições ancestrais são preservadas e transmitidas. A autora observa que "essas religiões funcionam como guardiãs da memória histórica e cultural das comunidades afrodescendentes, oferecendo um refúgio simbólico contra as pressões assimilacionistas do colonialismo e do racismo", Dantas (1988, p. 59).

Reginaldo Prandi (1991) corrobora essas análises, argumentando que o sincretismo nas religiões afro-brasileiras é uma forma sofisticada de resistência, onde as tradições africanas não são apenas preservadas, mas também adaptadas às novas realidades socioculturais do Brasil, sugere que o sincretismo religioso representa um ato criativo de resistência, no qual as comunidades afro-brasileiras redefinem suas práticas religiosas em resposta às condições impostas pela sociedade dominante.

Portanto, a resistência cultural nas religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias é um processo contínuo e dinâmico, onde o sincretismo religioso desempenha um papel central. Essas tradições religiosas não só resistiram à opressão colonial e ao racismo, mas também demonstraram uma extraordinária capacidade de adaptação e renovação, assegurando a continuidade e a vitalidade das culturas africanas e indígenas no Brasil.

 **3. Metodologia**

A pesquisa é de cunho bibliográfico, de natureza qualitativa, uma vez que esse tipo de abordagem, o processo e seu significado são os focos principais, tendo em vista que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados permitem que se possa apresentar uma conclusão mais aberta.

A metodologia bibliográfica desempenha um papel crucial na análise de fenômenos culturais, como o sincretismo religioso e a resistência cultural, ao proporcionar uma base sólida de conhecimentos já estabelecidos na literatura. De acordo com Severino (2013), a pesquisa bibliográfica é essencial para fundamentar teoricamente qualquer estudo acadêmico, pois permite ao pesquisador mapear o estado da arte e identificar lacunas na área investigada. No contexto do trabalho desenvolvido, essa metodologia foi fundamental para reunir e interpretar as contribuições de autores como Pierre Verger (1999), Beatriz Góis Dantas (1988), Reginaldo Prandi (1991; 2003; 2004) e Eliane Farias; Lusival Barcellos (2015), cujas obras são referências consagradas no estudo das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias.

A utilização da metodologia bibliográfica se justifica pela necessidade de situar o trabalho em um contexto acadêmico mais amplo, alinhando-o às discussões teóricas existentes. Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica é indispensável para a construção de um referencial teórico consistente, permitindo que o pesquisador dialogue com diferentes correntes de pensamento e desenvolva uma análise crítica e bem fundamentada.

No presente trabalho, essa abordagem possibilitou a exploração de diferentes perspectivas sobre o sincretismo religioso e a resistência cultural, oferecendo uma visão multifacetada e crítica do tema. Além disso, a metodologia bibliográfica permite ao pesquisador confrontar as ideias presentes na literatura, identificando convergências e divergências que podem enriquecer a análise. Lakatos e Marconi (2010) argumentam que esse processo de revisão crítica é fundamental para o avanço do conhecimento, pois contribui para o aprimoramento das teorias e práticas dentro do campo de estudo.

No caso do trabalho em questão, a revisão das obras selecionadas, como obras-chaves sobre o tema, foram “A Herança Africanas no Brasil” Beatriz Dantas (1988) "Memória Tabajara: Narrativas e Resistências"de Eliane Farias; Lusival Barcellos (2015), “Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo” de Pierre Verger (1999), e "Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova" de Reginaldo Prandi (1991), As religiões afro-brasileiras e seus seguidores Prandi (2003) e, O livro dos mestres, caboclos e encantados Prandi (2004). Além disso, foram analisados artigos acadêmicos e estudos de caso disponíveis em base de dados como SciELO e Google Scholar, que abordam o sincretismo religioso nas crenças afro-brasileiras e afro-ameríndias permitiram a construção de uma discussão robusta e ancorada em fontes confiáveis e relevantes.

Portanto, a escolha da metodologia bibliográfica foi essencial para o desenvolvimento do estudo sobre o sincretismo religioso e a resistência cultural nas religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias. Através dela, foi possível garantir rigor acadêmico e fundamentação teórica, proporcionando uma análise aprofundada e crítica, conforme sugerem os teóricos mencionados. Esse método não só facilitou a compreensão do tema, como também assegurou a relevância e a consistência das conclusões apresentadas.

**4. Resultados e Discussão**

4.1 Manifestação do Sincretismo nas Práticas Religiosas

O estudo realizado evidencia que o sincretismo nas religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias transcende a mera fusão de práticas religiosas distintas, culminando na criação de novas formas de expressão cultural que refletem a resistência, adaptabilidade e a resiliência dessas tradições. No Candomblé, por exemplo, a associação entre os orixás e os santos católicos revela um processo complexo de sincretismo, onde elementos de diferentes tradições religiosas se entrelaçam, permitindo a continuidade da devoção em contextos de perseguição religiosa. Essa prática não apenas assegurou a sobrevivência dos cultos aos orixás, mas também promoveu uma singularidade cultural que enriquece o patrimônio religioso brasileiro. Conforme argumenta Prandi (1991), essa associação entre orixás e santos católicos é um reflexo de um mecanismo de resistência, no qual os praticantes de religiões afro-brasileiras puderam preservar suas crenças sob o manto da ortodoxia católica, evitando, assim, a repressão direta e assegurando a continuidade das tradições africanas em solo brasileiro.

4.2 O Sincretismo como Forma de Resistência

A análise realizada no presente estudo demonstra que o sincretismo religioso atuou como uma poderosa estratégia de sobrevivência cultural para as religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias. A incorporação de elementos das religiões dominantes, eurocêntricas, especialmente do catolicismo, não foi um ato de submissão, mas sim uma adaptação criativa que permitiu a essas tradições preservarem suas essências fundamentais enquanto se ajustavam ao contexto social adverso. Segundo Dantas (1988), essa adaptação não apenas assegurou a continuidade das práticas religiosas afrodescendentes, mas também funcionou como uma forma de resistência cultural, onde os elementos tradicionais foram preservados e reinterpretados em novas formas, sem perder a conexão com suas raízes originais. Esse processo de sincretismo não deve ser visto apenas como uma fusão de elementos religiosos, mas como uma estratégia sofisticada que garantiu a sobrevivência e a vitalidade dessas religiões frente à opressão colonial e ao racismo.

4.3 Desafios Contemporâneos

Apesar do papel crucial do sincretismo na sobrevivência das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias, essas tradições enfrentam desafios significativos na contemporaneidade. A intolerância religiosa, marcada por atitudes discriminatórias e violentas contra as práticas afro-brasileiras, continua a ser uma barreira significativa à plena aceitação dessas religiões na sociedade brasileira. Além disso, a estigmatização dessas práticas, muitas vezes associadas a visões estereotipadas e preconceituosas, impõe um fardo adicional às comunidades que as praticam. Parafraseando Verger (1999), a luta pelo reconhecimento e pelo respeito continua sendo uma dimensão central da vivência religiosa dessas comunidades, que, apesar de sua resiliência histórica, ainda enfrentam pressões que ameaçam sua continuidade e expressão livre.

**5. Considerações Finais**

O sincretismo religioso nas crenças afro-brasileiras e afro-ameríndias representa um testemunho eloquente da resistência, resiliência e adaptabilidade dessas tradições em face da adversidade. Importante destacar que este estudo sublinha a importância de se compreender o sincretismo não apenas como uma fusão de elementos religiosos, mas como um ato deliberado de resistência cultural, onde a preservação da identidade e da memória coletiva se faz presente. Em um cenário globalizado, onde a intolerância religiosa ainda se manifesta com vigor, a preservação e valorização dessas práticas religiosas não são apenas essenciais para a manutenção da diversidade cultural e religiosa, mas também constituem um imperativo para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, reconhecer e respeitar essas tradições é fundamental para assegurar que as vozes e as práticas das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias continuem a enriquecer o tecido cultural global.

**Referências**

AMADO, Jorge Leal Amado de Faria. Tenda dos Milagres*.* 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FARIAS, Eliane Silva de; BARCELLOS, Lusival Antonio. *Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica.* João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

DANTAS, Beatriz Góis. *“A Herança Africanas no Brasil”.* São Paulo: Global, 1988.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova.* São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores.* Porto Alegre, Civitas, V.3, nº 1, jun. 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *O livro dos mestres, caboclos e encantados.* Textos de André Ricardo de Souza. Rio de Janeiro, Pallas, 2004.

SILVA, Valdir. CULTOS AFRO-BRASILEIROS NA PARAÍBA: uma história em construção (1940-2010). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.* Salvador: editora Corrupio, 1999.

1. Doutoranda do PPGCR/UFPB. E-mail: ednaeustaquio63@gmail.com . [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor Doutor do PPGCR/UFPB; E-mail: carlosandrecavalcanti@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestrando do PPGCR/UFPB; E-mail: rozilgomes@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Doutor do PPGCI/UFPB; E-mail: valdirpoesia@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)